

# ANTES, DURANTE E DEPOIS: REFLEXÕES ÉTICO-METODOLÓGICAS NA PESQUISA COM BEBÊS<sup>1</sup>

Ana Julia Lucht Rodrigues – UFPR

Ângela Maria Scalabrin Coutinho – UFPR

## Resumo

O trabalho apresentado é fruto de uma pesquisa com bebês realizada a partir de uma perspectiva interdisciplinar, conjugando pesquisas do campo dos Estudos da Infância e da Pedagogia. A investigação teve por objetivo narrar e analisar as interações dos bebês com a materialidade a fim de compreender o processo dinâmico e plural de construção do espaço da creche. Realizou-se uma pesquisa de caráter etnográfico, sustentada em recursos escritos, fotográficos e audiovisuais. Neste artigo, dá-se destaque aos percursos ético-metodológicos que atravessaram o processo de desenho, realização e divulgação dos resultados. No decorrer do estudo, o reconhecimento dos bebês como sujeitos de direitos e informantes competentes sobre seus mundos de vida implicou na contínua reflexão sobre a ética na pesquisa. O desafio de narrar a experiência dos bebês é atravessado por discussões acerca do processo de entrada em campo, do descentramento do papel geracional, da divulgação das imagens e dos nomes dos bebês, da criação de ferramentas para comunicação dos resultados aos sujeitos participantes da pesquisa, do assentimento como um processo contínuo no campo e dos desafios de narrar a experiência dos bebês por meio da linguagem escrita. O diálogo estabelecido entre conceitos-chave provenientes principalmente do campo da Antropologia e da Geografia deram sustentação para esta investigação e se apresentaram como delimitadores teóricos que permitiram o enfrentamento das questões metodológicas advindas de uma ética do encontro.

**Palavras-chave:** Bebês. Pesquisa com crianças. Etnografia.

## Posicionando o debate

Quais são os impactos ético-metodológicos da imagem de bebê enquanto ator social e informante competente sobre seu mundo de vida? De que modo o encontro com os bebês promove a construção dinâmica do processo de pesquisa e produz procedimentos éticos situados? Como enfrentar o desafio de traduzir as vivências dos bebês por meio da linguagem escrita e oral?

Com o intuito de dar vazão às perguntas expostas acima, o presente artigo tem por objetivo apresentar alguns dos recursos e procedimentos adotados no decorrer de uma pesquisa com caráter etnográfico que buscou compreender o processo de construção do

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

espaço da creche a partir da interação dos bebês com a(s) materialidade(s)<sup>2</sup>. Ela se realizou a partir das perspectivas trazidas pelos Estudos da Infância<sup>3</sup> e da Pedagogia da Infância (ROCHA, 2001)<sup>4</sup>, promovendo uma reflexão eminentemente interdisciplinar. A pesquisa de campo se deu em um centro municipal de educação infantil (CMEI) da cidade de Curitiba com base em recursos escritos, fotográficos e audiovisuais. A pesquisadora esteve em campo entre abril e dezembro de 2019, momentos nos quais acompanhou os bebês e realizou a catalogação de todo o acervo material da instituição pesquisado. Previamente ao estudo em campo, ocorreu um estudo exploratório que visou identificar uma instituição interessada em participar da pesquisa e na qual os bebês encontrassem condições materiais e temporais que favorecessem a sua ação autônoma, ou seja, iniciada a partir da iniciativa deles.

As estratégias adotadas no decorrer dessa investigação são fruto da compreensão da necessidade de consolidação de procedimentos éticos na pesquisa com bebês que atravessem o antes, o durante e o depois: desenho, realização e divulgação dos resultados. Do mesmo modo, elas foram elaboradas diante do confronto contínuo com o marco teórico adotado na investigação, provocando simultaneamente o reconhecimento da dimensão material da experiência humana e o fissuramento de uma imagem universal do bebê (PROUT; JAMES, 2005; GOTTLIEB, 2009; HOLLOWAY; HOLT; MILLS, 2019; ORRMALM, 2020) e de uma noção de espaço euclidiana (MASSEY, 1994, 2005). A fluidez e o dinamismo atravessam o processo de construção do espaço da creche, os encontros imprevisíveis dos bebês com as coisas (INGOLD, 2011, 2012) e a tarefa do investigador.

A escuta dos bebês no decorrer da pesquisa implicou, portanto, na seleção de conceitos que ajudassem a romper com a perspectiva adultocêntrica e provocassem o enfrentamento da (im)possibilidade da pesquisa: ela é eticamente indispensável, ainda que pareça epistemologicamente impossível (ELWICK; BRADLEY; SUMSION, 2014).

---

<sup>2</sup> A pesquisa de mestrado se intitula “A(s) Materialidade(s) e os Bebês: um estudo sobre suas ações e a construção do espaço da creche” realizada por Ana Julia Lucht Rodrigues sob orientação da Dra. Angela Maria Scalabrin Coutinho, no programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná.

<sup>3</sup> Os Estudos da Infância configuram-se como um campo interdisciplinar de pesquisas, congregando referenciais teóricos da Sociologia, Antropologia, História, Geografia, Educação, dentre outras, a partir da defesa consensual das crianças enquanto agentes sociais e sujeitos de direitos.

<sup>4</sup> O termo Pedagogia da Infância remete ao trabalho de pesquisa realizado por Eloisa Rocha (2001) e aos estudos consequentes decorrentes do reconhecimento da especificidade do trabalho docente nesta etapa da educação básica a partir do reconhecimento da criança e da escuta atenta de seus modos de ser e estar no mundo.

Nesse sentido, a perspectiva adotada nesse artigo assume a interrelação entre distintos componentes da pesquisa e provoca o confronto contínuo da concepção de bebê enquanto ator social com as demais etapas da investigação. De modo pungente, a pesquisa com bebês traz à tona debates caros ao campo das ciências sociais: o desafio da imaginação etnográfica, a assimetria entre o pesquisador e os sujeitos, as tramas da escrita e a construção de uma postura ética contínua no campo de pesquisa. Essas são algumas das questões abordadas a seguir.

### **Antes: o desenho da pesquisa**

As definições de procedimentos éticos para a pesquisa costumam configurar-se como uma etapa prévia à realização do estudo. Formalizados por meio de autorizações emitidas pelos comitês de ética, ainda associados às interpretações provenientes dos estudos *sobre* crianças preconizados nas ciências biológicas e no âmbito da psicologia, eles são desenhados com base nas regras apresentadas e definidas pelos comitês.

Tatek Abebe e Sharon Bessel (2014) ao discorrerem acerca das orientações formais para a aprovação da pesquisa, destacam que ainda que elas possam se configurar enquanto importantes mecanismos reguladores para assegurar o direito das crianças de serem devidamente pesquisadas (ALDERSON, 2012) e o seu melhor interesse, na prática, os “processos de aprovação do comitê de ética ganham vida própria e se transformam em um fim em si mesmos.” (ABEBE; BESSEL, 2014, p.129, tradução nossa)<sup>5</sup>. Ou seja, uma questão problemática que emerge dos protocolos formais diz respeito à consolidação de procedimentos sem uma análise contínua de sua relação com o contexto. Ao invés de balizarem as atitudes do pesquisador, os procedimentos formalmente autorizados correm o risco de se transformar em uma rígida armadura, distanciando o pesquisador dos dilemas ético-metodológicos que emergem do encontro com os sujeitos com os quais se realiza a investigação. Orientações estáticas e universais apagam as arestas, as dobras e a porosidade da vida cotidiana.

Na pesquisa com crianças, essa questão se adensa, pois a defesa da criança enquanto ator social passa pelo rompimento com perspectivas universais e com uma imagem de infância global. O princípio do anonimato, por exemplo, é um recurso importante para garantir a proteção das crianças em contextos de vulnerabilidade.

---

<sup>5</sup> No original: “Processes for ethics approval take on a life of their own and become an end in themselves.” (ABEBE; BESSELL, 2014, p.129)

Contudo, o apagamento das diferenças individuais e da subjetividade que atravessa o nome das crianças, não contribui para o rompimento desta perspectiva universalizante. A esse respeito, Sonia Kramer (2002, p.51) destaca:

(...)a criança é sujeito da cultura, da história e do conhecimento. Pergunto: é sujeito da pesquisa? Embora os estudos transcrevam seus relatos, elas permanecem ausentes, não podem se reconhecer no texto que é escrito sobre elas e suas histórias, não podem ler a escrita feita com base e a partir dos seus depoimentos. As crianças não aparecem como autoras dessas falas, ações ou produções. Permanecem ausentes.

Os bebês, em especial, parecem estar ausentes das pesquisas sociais (GOTTLIEB, 2009) e são frequentemente compreendidos e estudados a partir de perspectivas desenvolvimentistas que não reconhecem a diversidade dentro da própria categoria intra-geracional e assumem que as teorias de desenvolvimento, elaboradas a partir de estudos *sobre* crianças europeias aplicam-se a todos os sujeitos (JOBIM E SOUZA, 1996). Nesse sentido, na pesquisa que deu origem a este artigo, os nomes dos bebês foram utilizados a partir do consentimento livre e esclarecido de suas famílias.

Compreendemos que o uso do primeiro nome em um contexto que não coloque as crianças em risco, provoca o fortalecimento dos bebês enquanto sujeitos da pesquisa. A defesa dos bebês como atores sociais provoca, portanto, esta mudança da defesa do anonimato para a valorização da autoria. Na pesquisa, observou-se a forma como o processo de construção do espaço da creche ocorre a partir de encontros concretos dos bebês com o outro e com as coisas, situações que emergem da imprevisibilidade da vida cotidiana e nas quais os bebês atuam a partir dos repertórios constituídos socialmente e compartilhados entre eles, assim como de seus interesses individuais e a partir da vivência que o seu corpo lhes permite. Ou seja, a relação dos bebês com o mundo se apresenta igualmente marcada pela cultura e pela relação com o território. Nesse sentido, a defesa da autoria também favorece a construção de saberes educacionais que reconhecem a agência dos bebês.

A decisão do uso dos primeiros nomes dos bebês também guarda relação com a escolha por métodos visuais na pesquisa realizada. Em investigações que optam pelo uso de fotografias e vídeos, o anonimato já foi rompido e é preciso produzir outros balizadores éticos que ajudem os pesquisadores a fazer a seleção das imagens que serão utilizadas, como serão feitas e quais devem ser apagadas – questão própria do uso contemporâneo das imagens digitais. Helen Lomax (2015), a esse respeito, destaca que a questão da

autoria e do uso das imagens precisa ser balanceada com uma reflexão sobre o tempo: como as crianças participantes da pesquisa verão o uso destas imagens no futuro?

São imagens que, especialmente na pesquisa com bebês, ajudam a promover uma interpretação do ponto de vista dos atores, pois é preciso reconhecer que eles se comunicam por meio de outras linguagens e que, portanto, a voz é metáfora para a interpretação de seus gestos e olhares. Nesse sentido, as narrativas visuais (COUTINHO, 2016) proporcionam o registro de suas ações e garantem ao pesquisador a possibilidade de retornar a esses momentos para interpretar o vivido. Longas sequências de fotos e vídeos de longa duração, todos realizados em situações nas quais os bebês podiam reconhecer as câmeras possibilitaram uma escrita densa no diário de campo, imediatamente após a visita à campo. Da mesma forma, é preciso estar atentos ao fato de que a fotografia tampouco é representação, ela é narrativa produzida por quem faz a foto e comunica sobre o lugar ocupado pelo pesquisador, pois a “imagem é um objeto comunicativo construído a partir de um ponto de vista particular, que exprime uma realidade social.” (SARMENTO, 2014).

A partir do reconhecimento de que a ética se configura como uma tarefa contínua (MORROW, 2008) e de que o rompimento do anonimato pode contribuir para a defesa dos bebês enquanto atores sociais, o marco teórico selecionado para fundamentar a pesquisa também pôde ser confrontado com o princípio inegociável do bebê enquanto ator social. Nesse sentido, damos destaque a necessidade de compreendermos a agência a partir de uma perspectiva relacional (COUTINHO, 2013a; HOLLOWAY; HOLT; MILLS, 2019; JAMES; JAMES, 2017; VALENTINE, 2011) e a construção da categoria intra-geracional “bebês” a partir de marcadores sociais e etários (PROUT; JAMES, 2005; GOTTLIEB, 2009; CLARK-KAZAK, 2012).

O desenho da pesquisa a partir de procedimentos e recursos ético-metodológicos implicou, portanto, em uma defesa da autoria, na escolha de ferramentas que permitissem a aproximação às linguagens mobilizadas pelos bebês e na escolha inicial de um marco teórico que acolhesse a imprevisibilidade e a fluidez. Essas questões, ainda que façam parte de um desenho inicial, passam por novos tensionamentos com a entrada em campo e diante da ética do encontro (DAHLBERG; MOSS, 2005).

### **Durante: desafios que emergem do encontro com os bebês**

Previamente à entrada em campo, a escolha pelos métodos visuais, por uma pesquisa etnográfica e uma reflexão sobre a autoria auxiliaram no enfrentamento das

demais questões que surgem diante do encontro com os bebês. Nesse sentido, os primeiros momentos na instituição foram atravessados por momentos de apresentação da pesquisa para os adultos que atuavam no CMEI, uma reunião com as famílias dos bebês e um registro cuidadoso das primeiras interações entre cada bebê e a pesquisadora.

Nas pesquisas com bebês, é preciso assumir a impossibilidade de narrar a pesquisa e explicar seus objetivos, mas é possível diariamente mostrar imagens produzidas, construir uma postura respeitosa e continuamente buscar o assentimento deles. Ou seja, o consentimento dado pelas famílias tampouco pode ser compreendido a parte dos processos cotidianos de busca de assentimento dos bebês.

Nos primeiros dias com eles, buscou-se manter uma distância maior e aproximar-se deles somente quando eles davam sinais de que desejavam ou concordavam com a presença da pesquisadora. A sustentação do olhar, o gesto de puxar a pesquisadora pela mão ou a entrega de um brinquedo foram alguns dos primeiros sinais dados pelos bebês. A eles, se somou um ritual construído entre a pesquisadora e os bebês, pois no início optamos por colocar uma cadeira à distância e sair deste local somente diante das manifestações de assentimento dadas pelos pés. A partir do terceiro dia, assim que a pesquisadora entrava em sala, eles buscavam a cadeira (Figura 1), levavam-na até o mesmo lugar e, muitas vezes, disputavam por sentar-se sobre, jogando com o novo significado produzido em torno deste objeto a partir da entrada da pesquisadora e com este adulto atípico que passou a compor o contexto vivido.



Figura 1 - Heloísa e a cadeira da pesquisadora

No cotidiano, os bebês passaram a solicitar fotografias – apontando para a câmera ou balbuciando “foto” – e, do mesmo modo, passaram a indicar quando não desejavam a

presença da câmera, dizendo explicitamente que não ou distanciando-se da pesquisadora e colocando-se de costas para ela. Ou, ainda, foi preciso manter uma mesma imagem continuamente no rolo da câmera, pois uma bebê, a Lolo, tinha gostado da fotografia e diariamente pedia para voltar a vê-la, apontando para a foto, rindo e chamando os outros bebês para verem a imagem. Nesse sentido, o desafio da pesquisa com bebês nos provoca a construir uma sensibilidade própria que nos permita interpretar a forma como os bebês desejam participar da pesquisa e as estratégias elaboradas para convocar ou refutar a presença do pesquisador.

O processo diário de organizar as fotografias e realizar uma pré-categorização também provocou o estranhamento em relação ao cotidiano dos bebês. Em muitas imagens, não era possível nomear a ação dos bebês, pois o sentido não era externo a elas e às vezes residia na própria experiência do movimento. Assim, foi preciso buscar novos estudos (RAUTIO, 2013; ORRMALM, 2020) e afinar o olhar a fim de tornar visíveis as práticas autotéticas dos bebês e compreendê-las como uma prática cotidiana compartilhada pelo grupo. O corpo adentra nas vivências dos bebês com todas as suas marcas simbólicas e materiais, dimensões representáveis e não-representáveis.

Do mesmo modo, o marco teórico previamente selecionado passa por novos confrontos diante da interpretação das ações dos bebês. A fluidez com a qual eles atribuíam novos significados às coisas e a forma como se permitiam afetar pelos encontros contínuos com o outro, foram indicativos da eficácia de uma compreensão relacional do espaço (MASSEY, 2005) e da acolhida do movimento da matéria (INGOLD, 2011). Da mesma forma, provocou uma reflexão sobre a ineficácia dos primeiros quadros elaborados para a interpretação de suas ações e construção das categorias de análise da pesquisa.

Inicialmente, foram construídos quadros em que eram registrados os diferentes significados atribuídos pelos bebês às coisas, promovendo uma categorização dos objetos. Contudo, no decorrer da investigação, ficou evidente que a categorização das coisas segundo categorias pedagógicas, matéria ou formas de produção eram referentes unicamente adultos. Para os bebês, a interação com as materialidades passava pelos atravessamentos gerados do encontro com elas diante dos repertórios compartilhados e da imprevisibilidade que advêm da experiência material do mundo. A areia que voava, uma sobra nova no chão ou o ruído de um avião, por exemplo. O encontro com os bebês precisa provocar ecos nas outras dimensões da pesquisa e impulsionar o pesquisador a fissurar problemas e conceitos que desconsideram a forma como eles se colocam em

relação com o mundo. Os quadros se transformaram em uma ferramenta que tornou visível a distância daquilo que os adultos preconizam e os critérios estabelecidos pelos bebês ao interagirem com as materialidades. A pesquisa somente se complexificou a partir da escuta atenta dos bebês.

Isto também tem uma relação íntima com a tarefa de descentramento geracional que se apresenta para o pesquisador. Na pesquisa, era preciso realizar a tarefa diária de fazer as imagens da perspectiva dos bebês, manter-se sempre que possível no mesmo plano que eles, evitar nomear suas ações e atribuir significados a elas. No contexto educativo, em especial, os adultos com os quais os bebês convivem assumem um papel docente que implica em frequentemente nomear e categorizar as ações dos bebês segundo os objetivos educacionais. A postura do pesquisador precisa diferir desta atitude docente e típica da relação que os adultos constroem com os bebês no ocidente. Ao invés de nomear aquilo que muitas vezes nos escapa e que guarda relação com elementos não-representáveis – a experiência de entrar embaixo de uma cadeira, perambular pela sala ou colocar algo sobre a cabeça – compete ao adulto compreender a assimetria geracional e assumir uma postura atípica.

Isso também produz dilemas éticos no decorrer do cotidiano. Em situações nas quais os bebês encontravam-se em perigo foi preciso decidir entre manter-se mais à distância ou atuar em prol dos cuidados dos bebês. Do mesmo modo, eles buscavam a pesquisadora desde o primeiro dia para resistir às normas estabelecidas. Cientes da diferença de tamanho, pediam por colo para pegar objetos em prateleiras altas e olhavam atentamente quando escapavam pelos portões acidentalmente deixados abertos, cientes de que não impediríamos a sua saída. Inclusive quando solicitavam a presença da pesquisadora, era preciso decidir em campo a forma como iria participar das brincadeiras, manusear os objetos, acolher a presença de outros bebês no mesmo jogo. Ainda que a postura do pesquisador seja diversa da dos outros adultos com os quais os bebês convivem, eles demonstram reconhecer o papel que o pesquisador, enquanto adulto, pode assumir e fazem proveito disso.

Nesse sentido, a defesa dos bebês como sujeitos implica em aguardar suas manifestações e evitar gestos desmedidos que poderiam colocar o adulto em situação de poder em relação a eles. São atravessamentos que impelem o pesquisador a continuamente exercer a reflexividade, ou seja, tensionar as assimetrias presentes em campo, perceber-se como parte do contexto pesquisado e, desta forma, permitir-se redesenhar categorias de análise e buscar novos referentes teóricos que acolham as

manifestações dos bebês. Nesse caso, foi preciso fortalecer os estudos que nos ajudaram a compreender o dinamismo e a fluidez da vida cotidiana e acolher o imprevisível e o provisório.

### **Depois: estratégias de divulgação dos resultados**

Diariamente, os bebês tinham acesso a algumas das imagens produzidas e, ao final da pesquisa, foram elaboradas três estratégias distintas a fim de comunicar às professoras, famílias e bebês alguns dos resultados da pesquisa. Para isso, realizaram-se duas reuniões: uma com as professoras e outra com as famílias. Para os bebês, foi construído um livro com textos e imagens produzidas na pesquisa e foram entregues duas cópias (Figura 2). Uma que pudesse acompanhá-los durante toda sua trajetória na instituição e uma segunda para ser arquivada no CMEI. A questão da autoria e uma reflexão sobre o tempo vêm novamente à tona, pois reconhecemos a importância de que eles possam retornar a esta instituição em sua vida adulta e encontrar-se nos documentos e materiais disponíveis para acesso da comunidade.

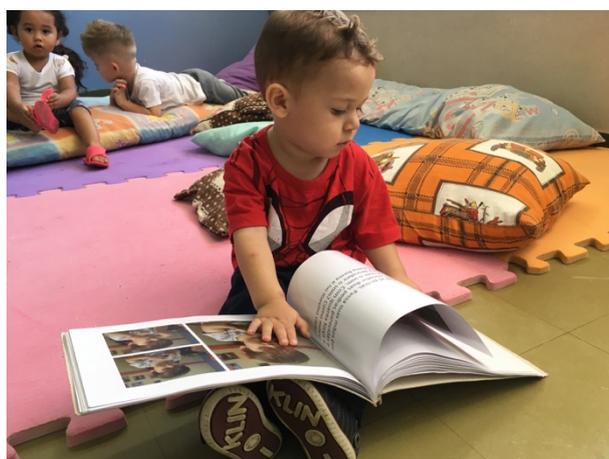


Figura 2 - Davi e o livro de devolutiva para os bebês

Do mesmo modo, a divulgação dos resultados passa pelo enfrentamento do desafio da escrita. Ela jamais será representação das práticas dos bebês, mas configura-se como um recurso necessário e eticamente indispensável para que seja possível garantir a presença dos bebês no ambiente acadêmico a partir dos referentes que lhes são próprios. Concebê-los enquanto informantes competentes sobre seus mundos de vida implica na tarefa dos pesquisadores realizarem investigações eticamente comprometidas e de buscarem criar espaços no texto – ou, quem sabe, vazios – onde suas vozes possam ecoar.

Cientes do desafio epistemológico que se coloca, compete à academia criar maneiras de aproximarmos-nos e visibilizarmos a perspectiva dos bebês. A ética do encontro implica em disrupções em saberes e práticas, produzindo uma contínua e incessante reflexão sobre os procedimentos ético-metodológicos adotados.

### Referências Bibliográficas

ABEBE, T.; BESSELL, S. Advancing ethical research with children: Critical reflections on ethical guidelines. **Children's Geographies**, v. 12, n. 1, p. 126–133, 2014.

ALDERSON, P. Rights-respecting research: A commentary on “the right to be properly researched: Research with children in a messy, real world”. **Children's Geographies**, v. 10, n. 2, p. 233–239, 2012.

CLARK-KAZAK, C. R. Introduction: Theorizing Age and Generation in Migration Contexts: Towards Social Age Mainstreaming? **Canadian Ethnic Studies**, v. 44, n. 3, p. 1–10, 2012.

COUTINHO, Â. S. Ação Social e Participação no Contexto da Creche. **Revista Educativa - Revista de Educação**, v. 16, n. 2, p. 217–228, 2013.

\_\_\_\_\_. As narrativas visuais e a formação para a docência com os bebês e crianças bem pequenas. **RELAdeI**, v. 5, n. 4, p. 70–77, 2016.

DAHLBERG, G.; MOSS, P. **Ethics and politics in early childhood education**. London/ New York: Routledge/ Falmer, 2005.

ELWICK, S.; BRADLEY, B.; SUMSION, J. Infants as Others: Uncertainties, difficulties and (im)possibilities in researching infants' lives. **International Journal of Qualitative Studies in Education**, v. 27, n. 2, p. 196–213, 2014.

GOTTLIEB, A. Para onde foram os bebês? Em busca de uma antropologia de bebês (e seus cuidadores). **Psicologia USP**, v. 20, n. 3, p. 313–336, 2009.

HOLLOWAY, S. L.; HOLT, L.; MILLS, S. Questions of agency: Capacity, subjectivity, spatiality and temporality. **Progress in Human Geography**, v. 43, n. 3, p. 458–477, 2019.

INGOLD, T. **Being Alive: Essays on Movement, Knowledge and Description**. Abingdon/ New York: Routledge, 2011.

\_\_\_\_\_. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, v. 18, n. 37, p. 25–44, 2012.

JAMES, A.; JAMES, A. **Key Concepts in Childhood Studies**. [s.l.] SAGE Publications, Inc., 2017.

JOBIM E SOUZA, S. Re-significando a psicologia do desenvolvimento: uma contribuição à pesquisa da infância. In: KRAMER, S.; LEITE, M. I. (Ed.). **Infância: fios e desafios da pesquisa**. Campinas: Papirus, 1996. p. 39–55.

KRAMER, S. Autoria e Autorização: Questões Éticas na Pesquisa com Crianças. **Cadernos de Pesquisa**, n. 116, p. 41–59, 2002.

LOMAX, H. Seen and heard? Ethics and agency in participatory visual research with children, young people and families. **Families, Relationships and Societies**, v. 4, n. 3, p. 493–502, 2015.

MASSEY, D. **Space, place and gender**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1994.

\_\_\_\_\_. **For Space**. Londres: SAGE Publications, 2005.

MORROW, V. Ethical dilemmas in research with children and young people about their social environments. **Children's Geographies**, v. 6, n. 1, p. 49–61, 2008.

- ORRMALM, A. Culture by babies: Imagining everyday material culture through babies' engagements with socks. **Childhood**, v. 27, n. 1, p. 93–105, 2020.
- PROUT, A.; JAMES, A. Re-presenting Childhood: Time and Transition in the Study of Childhood. In: **Constructing and reconstructing childhood: contemporary issues in the sociological study of childhood**. [s.l: s.n.]p. 227–246.
- RAUTIO, P. Children who carry stones in their pockets: on autotelic material practices in everyday life. **Children's Geographies**, v. 11, n. 4, p. 394–408, 2013.
- ROCHA, E. A. C. A pedagogia e a educação infantil. **Revista Brasileira de Educação**, n. 16, p. 27–34, abr. 2001.
- SARMENTO, M. J. Metodologias Visuais em Ciências Sociais. In: SARMENTO, M. J. (Ed.). **Metodologias Visuais em Ciências Sociais**. Porto: Universidade do Minho, 2014.
- VALENTINE, K. Accounting for agency. **Children and Society**, v. 25, n. 5, p. 347–358, 2011.